

ESTÉTICA E PSICANÁLISE: NATUREZA E CULTURA

Berenice Carpigiani

No ano de 1750, Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) publicou um livro chamado "Estética ou Teoria das Artes Liberais" e, um século e meio depois, em 1900, Sigmund Freud (1856 – 1939) publicou "A interpretação dos sonhos".

O texto de Baumgarten é considerado, por alguns filósofos, como o primeiro a conceituar a Estética como um ramo da Filosofia destinado a contemplar o estudo do BELO e da ARTE, voltando-se para a apreciação aprofundada da Beleza e definindo a Arte como um produto "da atividade humana que, obedecendo a determinados princípios, tem por fim produzir artificialmente, os múltiplos aspectos de uma só beleza universal, apanágio das coisas naturais". (NUNES, 2003).

Freud usou pela primeira vez o termo Psicanálise, em 1896 (...) "algumas de suas idéias mais iconoclastas (...) remontam a pesquisas e observações clínicas do começo dos anos de 1890 (...) por mais de três décadas, Freud iria remodelar seu mapa da mente, refinar a técnica psicanalítica, rever suas teorias das pulsões, da angústia, da sexualidade feminina, e invadir a história da arte, a antropologia especulativa, a psicologia da religião e a crítica da cultura" (GAY, 1988).

A descoberta do inconsciente, conceito complexo e nuclear de sua teoria e, desta reflexão, é tido como um local dinâmico onde se acumulam conteúdos, representantes das pulsões (uma vez que a pulsão – nunca se torna consciente); material afetivo reprimido (os que já fizeram parte da consciência ou não) e, este "caldeirão fervilhante" de desejos e fantasias primitivas, não possuem ló-

Colóquio de Arquitetura e Urbanismo

Estética: Natureza e Cultura

12 nov.
2008



Convidamos professores e alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie para participarem do Colóquio de Arquitetura e Urbanismo.

O evento tem como objetivo apresentar e debater opiniões de professores e profissionais de áreas diferentes, em torno de temas relacionados à teoria, à História e ao projeto de arquitetura.

9 horas

Glauceineia Gomes de Lima – Psicologia (Mackenzie)
Maria Teresa Stockler e Brea - FAU (Mackenzie)
Denise Xavier – Arquitetura e Urbanismo (Belas Artes)

14 horas

Paulo Roberto Monteiro de Araújo – Filosofia (Mackenzie)
Berenice Carpigiani - Psicologia (Mackenzie)
Célio Pimenta - Arquitetura e Urbanismo (Belas Artes)

19 horas

Tiago da Costa e Silva – Senac-SP
Eunice Helena S. Abascal – (FAU Mackenzie)
Helena Freddi - Bacharelado Artes Visuais (Belas Artes)

Mediador

Celso Lomonte Minozzi - Arquitetura e Urbanismo
(Belas Artes)

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
Auditório Raphael Galvez Dazzani
Rua Dr. Álvaro Alvim, 90 – Vila Mariana
Evento gratuito e aberto à comunidade



Convite elaborado para o evento

gica, contradição, noção de tempo, espaço, causalidade mas possui um princípio de funcionamento denominado Princípio do Prazer. Ao publicar "A Interpretação dos sonhos", declara que estes – os sonhos - são "a via régia de acesso ao conhecimento do inconsciente na vida mental" (FREUD, 1889). A partir da

descoberta do Inconsciente, as produções e criações realizadas pelo ser humano, sejam no campo da arte ou da tecnologia, passam a ter sua fonte de origem na articulação entre aprendizagem e cultura sendo, primordialmente, influenciadas pelo material psíquico que vem deste lugar mental: o inconsciente.

Origem do pensamento psicanalítico

Ao entrecruzar a teoria psicanalítica com outras áreas de pensamento sempre é necessário algum cuidado porque, como todos sabemos Freud criou uma inquietante configuração teórica sobre o funcionamento mental humano. Este corpo teórico gerou descendentes e dissidentes. Atualmente os descendentes se compõem em sete escolas consideradas psicanalíticas por levarem em conta os conceitos originais propostos, por aplicarem estes conceitos na prática clínica e por atualizá-los conforme as demandas do tempo e da cultura.

Esta discussão apóia-se no pensamento original da psicanálise freudiana que, por si só, já é bastante mobilizador. Não foi por acaso que Freud arriscou afirmar: “a humanidade sofreu três golpes no seu narcisismo: O primeiro com Copérnico – quando este retira a Terra do Centro do Universo, o segundo com Darwin que ao escrever a origem das espécies na luta pela vida tira do Homem a pretensão da criação especial e a terceira com a descoberta do inconsciente, que tira do Homem o domínio sobre sua própria vontade” (1916).

O conceito de Inconsciente – referenda uma mudança do paradigma dominante nos séculos anteriores que propunha o “Homem - Razão”. A partir da inserção do Inconsciente na constituição intrapsíquica deste mesmo Homem-Razão, foram reconhecidos os desejos nem sempre conhecidos no plano da consciência, as pulsões que necessitam ser dirigidas ou reprimidas, e foram inscritos, no alicerce desta constituição, os instintos de vida e de morte, regidos por princípios de prazer e de realidade. “... o inconsciente é a base geral da vida psíquica. O inconsciente

é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente”. (FREUD, 1900). É o lugar onde, desde o nascimento de uma pessoa convivem, indiferenciadamente vida e morte, belo e feio, certo e errado, bem e mal além de amor, culpas, invejas e ódios entre outros sentimentos.

A descoberta deste território mental gerou ou uma nova maneira de enxergar o Homem natural e suas produções intelectuais, culturais e artísticas e abriu novas perspectivas para a interpretação destas e de outras produções assim como das relações amorosas, de poder e de trabalho que se desenvolvem entre pessoas.

O Homem intelecto é visto agora também como repleto de desejos e fantasias que se nutrem tanto da cultura quanto daquilo que lhe é natural, portanto, aquela definição original de Estética, oferecida por Baumgarten como estudo do Belo, poderá tomar um novo formato quando são analisadas as esferas da criação e a da apreciação da obra de arte - uma vez que deverão ser inseridas - em cada um destes dois distintos processos - as pulsões em seu caráter agressivo e sexual, as expressões das angústias e as inúmeras defesas que atuam contra estes sentimentos. Nesta perspectiva, conforme França (1993), a psicanálise passa a interferir na conceitualização de Estética que contempla a idéia do Belo como o instante de uma inspiração perfeita - onde um artista em harmonia consigo mesmo, com o mundo e com o divino simplesmente cria: “A natureza deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio do trabalho que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista e que desconhecem, elas também, a origem da emoção

que sentem”. (FREUD.1910).

Assim como um artista, Freud, inspirado no mais puro romantismo alemão, também foi construindo uma compreensão muito própria sobre o processo de criação da obra de arte ao longo de seus escritos e dentro de sua época. Em alguns momentos relacionou a produção artística sob o domínio do Princípio do Prazer na tentativa de expressar afetos incompatíveis com o a realidade, ou seja, uma busca de retorno a fontes de prazer que, ao longo do desenvolvimento psíquico vão se tornando de difícil acesso em função do primado da realidade, da educação e do sentido de maturidade. O artista, através de sua criação estaria restaurando o riso perdido da infância, por isso – ao permanecer fiel à infância e ao primitivo contido nela “torna-se um ser humano no espírito de todas as idades” (LASCH.1989).

Com o avanço de sua teoria foi diferenciando a produção artística da produção dos sonhos e dos sintomas neuróticos. Já se disse que o poeta sonha acordado, o que significa dizer que ele não é dominado pelo tema de sua produção, ao contrário possui domínio consciente sobre ela ao mesmo tempo em que expressa conteúdos inconscientes, através da apresentação de uma verdade velada e disfarçada, que confunde e fascina a razão. Esta máscara que seduz deriva-se da busca pelo Princípio do Prazer e resulta do Processo Primário de pensamento.

A expressão artística, por conter o elemento da consciência em si, não reprime, consegue alguma liberdade e gera um prazer positivo que é negado aos sonhos e às neuroses. O artista então permanecer fiel à sua própria infância e por isso “torna-se assim um ser humano no espírito de todas as épocas” (Lasch, 1986).

O Surgimento da psicanálise: a Estética do contexto cultural

O desenho do ambiente no qual a psicanálise se desenvolveu possui uma estética particular: A Viena do final do século XIX foi descrita e interpretada por Bruno Bethelheim – e citada por MEZAN também psicanalista - na articulação entre cultura e relações sócio políticas: “As elites culturais abandonaram a política como algo sério e voltaram sua atenção para o mundo interior (...) assim vão surgir as diferentes explorações do obscuro e do extremo na vida psíquica, uma delas sendo precisamente a psicanálise. Já a vasta maioria dos vienenses, buscando outra maneira de escapar à apreensão que sentia numa hora em que o mundo tradicional e seguro estavam se desintegrando, encontrou-a na diversão despreocupada da qual o símbolo mais eloqüente será a voga da opereta e da música para dançar – a valsa”. (MEZAN p.278).

Estes dois segmentos da sociedade defendem-se contra a angústia provocada por um tempo em profunda transformação, negando-a, de formas aparentemente diferentes. Na visão das elites culturais percebe-se um “hedonismo esteticista, sombrio, amargo e no fundo desesperado. Na versão das massas – um hedonismo vulgar e superficial e, em ambas vislumbra-se a presença de um vínculo essencial entre o sexo, a loucura e morte. Bethelheim evoca as tragédias da família imperial, como a vida infeliz de Sissi, o suicídio do arquiteto Rodolfo em Mayerling, o assassinato do Príncipe de Sarajevo. Evoca os contos nos quais uma sensação de fim de mundo envolve os personagens, a arte expressionista etc. Pelo lado do divertimento o laço entre sexo, loucura e morte se faz presente pelo avesso, na alegria rasa, na euforia demasiado efervescente das

operetas de Strauss e da suntuosidade decorativa tão criticada por arquitetos como Adolf Loos e Otto Wagner, na polidez jovial e da hipocrisia moral que caracterizava o cotidiano vienense e que justamente os artistas mais lúcidos iriam desnudar em suas criações” (MEZAN 1996).

Freud ouviu pessoas que viviam esta atmosfera e identificou a fonte de sofrimento do indivíduo e da sociedade, através da análise dos sintomas que apresentavam.

Convido o leitor a dar um salto desta estética hedonista que oscila entre o obscuro e o superficial, conforme Bethelheim caracterizou a sociedade vienense do século XIX para nossa cidade - São Paulo do século XXI e talvez encontremos uma sintomatologia de semelhanças. O quê talvez seja possível identificar é um tempo no qual Isabelas e Suzanas bailam no imaginário assustado da população e que apresenta um intrigante real ao artista. Assim diz LASCH (1986): “imaginação de um escritor vacila frente a uma realidade que supera seus talentos – onde os jornais diários e os noticiários de TV relatam acontecimentos mais grotescos do que os sonhos mais extravagantes de um escritor... nossa cultura sorteia personagens que fazem inveja a qualquer romancista insensibilizando, provocando náuseas, enfurecendo e finalmente constituindo-se numa espécie de constrangimento à nossa escassa imaginação, o quê pode levar ao abandono e à banalização dos fatos, das simbologias dos fatos, dos significados dos fatos”.

Talento e Cultura misturam-se de maneiras peculiares nesse tempo onde predomina a realidade – virtual-irreal.

Ao percorrermos a obra de Freud, percebemos que ele usa obras literárias

- Goethe, Shakespeare, Dostoievsky; usa da obra dos mestres como Leonardo da Vinci e Michelangelo, assim como da mitologia – elementos para discutir, exemplificar sua teoria na tentativa de aprofundá-la e também de se fazer compreender. Aliás, segundo ele, para se compreender intelectualmente a Psicanálise não é necessário muito esforço. O que torna este campo de conhecimento pouco palatável para alguns, é a dificuldade que o estudioso pode encontrar para reconhecer em si os processos sobre os quais está se dispondo a estudar. Este é o grande segredo da arte da interpretação psicanalítica: descobrir o mistério daquilo que é dito para além do significado formal das palavras, descobrir aquilo que não é dito por meio das palavras e que está encoberto por um conjunto de desejos nem sempre harmoniosos.

Temos então que a realidade percebida ou vivida pela pessoa não é harmonicamente perfeita e tão pouco a própria pessoa que a percebe não o é e, nesta condição surgem o feio, o invejoso, o negativo, o culpado, o enciumado. Conhecidos desconhecidos de todos. Uma das afirmações de Freud é a seguinte: “A nós, os leigos, sempre deu imenso que pensar (...) como é que este estranho ser, o poeta, obtém o seu material. O que o habilita a que o sigamos de tal maneira enlevada, e a despertar em nós emoções que pensávamos sequer ser capazes?” (1908).

Em um texto denominado “O Estranho”, Freud explicita que todo ser humano possui uma tendência à repetição, ou seja, o material psíquico reprimido, escondido da consciência, tende a retornar e retornar e, se não for elaborado levará à morte. Belo e Morte se unem numa estética própria a partir deste escrito. Estranho, sinistro ou mesmo sobrenatural, conforme a tradução.

O contato com o estranho em nós pode produzir impressões de confusão, loucura e morte e, nesse sentido, a Estética sai da esfera exclusivamente do belo, grandioso, atrativo, o que Freud chama de sentimentos de natureza positiva, mas inclui um sentido de estética voltado às qualidades do sentir, a uma percepção através do afeto, de uma realidade psíquica inconsciente e não material. (FREUD, 1919).

No plano do pensamento da cultura, em outro texto denominado *Mal estar na civilização*, (1929), Freud comenta que o belo é inútil, porém indispensável à cultura. O sentido de inutilidade do belo, neste texto, significa as características da civilização atual, seus valores, a clareza de sua ética, não se enquadram na esfera da beleza, no entanto, ressalta que a dimensão poética é indispensável à cultura.

O campo da estética passa a ser não é o ideal do Belo, mas o vislumbre do real e este vislumbre supõe batalhas permanentes entre vida e morte. Supõe a percepção de um desamparo que busca, por exemplo, na religião uma ilusão compensatória, que busca na química a anulação da dor e a busca da excitação e do prazer, e que mostra um ser humano em sofrimento gerado pela impotência.

A psicanálise explícita que o Homem civilizado trocou sua parcela de felicidade por segurança, desativando parte de sua erotização em função da castração social, o que caracteriza narcísica e egocentricamente as relações sociais dos nossos tempos.

O sujeito de hoje se defende contra sua fragmentação e desorganização como fruto e semente de um mundo povoado de invasões simbólicas e reais, que incentivam a permanência na excitação, na busca desenfreada e imediatista de um prazer inalcançável e, que faz contraponto, com a

exacerbação da intelectualização em prol da tecnologia, que por sua vez alimenta a fantasia do prolongamento da vida e do controle do tempo.

A estética contida nas valsas produzida pelos mecanismos de defesa contra a angústia advinda da insegurança, provocada pelo desmoroamento moral, social e ético do século XIX, ecoa na estética da busca permanente do prazer, como defesa contra o vazio ético vivido pela sociedade atual cujo sintoma desvela uma estética da Depressão e do Pânico.

Entender o inconsciente como o natural alimentado pela cultura e gerando cultura, pode nos levar a pensar não só na reprodução de uma só beleza universal, como propunha Baumgarten, mas em estéticas várias e fragmentadas próprias do nosso tempo.

1. A dimensão da Estética da Vertigem

“Vertigem” vem de Vertigo, que significa redemoinho e significa dificuldade de integrar informações divergentes, fornecidas pelos diferentes sistemas perceptivos (visual, auditivo, tátil) e psíquicos (necessidades, desejos, afetos). Tanto em um caso como em outro a vertigem assume uma função de sinal de alarme. O Homem contemporâneo vive num mundo que não se fixa e, dentro deste redemoinho, não encontra apoio, regras definidas, políticas minimamente confiáveis e estabilidade afetiva. Este Homem fragmentado vive entre a angústia e a busca do prazer, num movimento estonteante e sem referências. Vida e Morte, Belo e Feio desenham uma dança em movimentos estonteantes e imprevisíveis.

2. A Estética do não-lugar e de todos os lugares

Observar e ser observado são com-

portamentos incorporados ao cotidiano. Há muito tempo não nos constrangemos ou não ficamos mais envergonhados diante de câmeras fotográficas ou de filmadoras pela boa razão de que estas máquinas estão ao alcance das nossas mãos, dentro das nossas bolsas, acopladas aos nossos celulares.

Nos estabelecimentos públicos onde compramos produtos para a intimidade dos nossos lares estamos sendo filmados, nas calçadas por onde transitamos estamos sendo filmados, os elevadores que utilizamos possuem câmeras e convivemos com esta observação anônima. De tal maneira que observar juntamente com a permissão de ser observado fazem parte do nosso dia-a-dia.

O sentido de privacidade integra a reflexão sobre o não lugar de todos e todos os lugares de ninguém. Tomemos, a exemplo de Bethelheim, os lugares destinados ao lazer. Ele relembra como os restaurantes, antes espaçosos, com mesas separadas para que as pessoas pudessem conversar e não serem distraídas pela presença de outras pessoas, foram redesenhados de tal maneira a aglutinar pessoas numa proximidade física inquietante. Competem com o pouco espaço físico, sons e volumes, luzes multicoloridas em permanente movimento garantindo que, embora próximos todos necessitem de muito esforço para serem ouvidos - ou não - uns pelos outros. O que nos leva a outra dimensão.

3. A dimensão Estética do não silêncio

Bruno Bethelheim, em seu livro *Sobrevivência* escreve: “Há épocas em que fico bastante aborrecido quando tenho que ouvir alguma música em um elevador ou avião, porque ela pode destoar do meu humor do momento,

interromper meus pensamentos ou interferir em uma conversa. Embora insignificantes esses incidentes são indicativos de um problema muito maior: a usurpação de meu direito de decidir se e onde eu deveria escutar música, e que tipo de música deveria ser. O fato de ser uma organização anônima que toma estas decisões por mim apenas piora as coisas: enquanto sou envolvido como indivíduo, não há outro indivíduo a quem eu possa me queixar sobre a música, ou pedir uma solução. O que me aborrece não é a música per se; mesmo que eu seja perturbado por ela, reconheço que ela foi planejada com a boa intenção de entreter-me enquanto sou forçado a passar algum tempo em um lugar enfadonho. O que me aborrece é a suposição tácita ou de que eu não tenho pensamentos privados que desejo seguir sem interrupção, ou que esses pensamentos podem facilmente ajustar-se ao tom da música, ou, mais ofensivo ainda, que meu desejo de envolver-me em meus próprios pensamentos não precisa ser respeitado”.

Vertigem – Não espaço – Não silêncio nos apontam para a próxima dimensão.

4. A dimensão estética do campo excitatório ou do “falso Eros”

A Estética emoldurada e retroalimentada pela Mídia e pela Internet que oferecem através do anonimato, a manutenção de um campo excitatório que nunca se satisfaz; onde são oferecidas situações pseudo-proibidas e de pseudo intimidade – nas casas dos Big Brothers globais, onde, por exemplo após um dia de trabalho no qual se vive um número enorme de sentimentos não expressados pode-se finalmente se imaginar num não=lugar, num semi silencioso cochicho e aí sim, desejar mal ao outro,

excluir o outro da nossa vida, expressar simpatias e antipatias, tomar partido, viver o prazer do julgamento e de decisão sobre o bem e o mal. Fantasiosamente, torna-se possível exercitar a mais vigorosa competição num campo aparentemente lúdico e sem conseqüências que permanece na excitação, no desejo de consumo, na erotização sem objeto definido e sem alcance de prazer.

5. A dimensão Estética do homem cordial: natureza e cultura brasileiras

No Brasil ainda há um ingrediente especial, pois desde o início da nossa colonização desenvolvemos – até por sobrevivência – uma tendência a criar pseudo-intimidades nas relações sociais. Sérgio Buarque de Hollanda em seu livro Raízes do Brasil apontou com clareza este aspecto da cultura brasileira da seguinte maneira: “Já se disse numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o HOMEM CORDIAL (...) No homem cordial, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se em si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, á parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros”.

Com facilidade transforma-se o gerente de nossa conta em alguém “quase da família”, o motorista de táxi – de preferência o sempre o mesmo – sabe dos motivos de nossos atrasos aflitos. Características que se refletem no cotidiano das pessoas e também nas tonalidades mais amplas das resoluções políticas. Alguns dos nossos presidentes não se con-

tentam em se proclamar presidentes eles se auto intitulam nosso pai, nosso irmãozinho, nosso professor e, nas constantes analogias utilizadas infantilizam, na tentativa de se aproximar, condescendentemente do cotidiano do povo, numa certa facilidade em misturar privado e público, pessoal-profissional, o que gera esquemas de favoritismos e fragiliza as fronteiras das relações sociais.

Este grupo de elementos culturais associado aos elementos mais profundos da natureza humana, dificultam a saída do campo excitatório, o que impede o pensamento adulto que engloba reflexão e crítica.

Ao se levar em conta o redemoinho que mistura tempos e espaços reais, virtuais e fantasiosos que envolvem vertiginosamente o mundo contemporâneo, talvez a Beleza ideal se misture à consciência da angústia, dor, incertezas, perversidades naturais e talvez o único lugar onde possa ser redimensionada ainda seja o campo de estudos da Estética.

Termino este texto parafraseando Nietzsche: “Pelo muito que este povo sofreu deve ter se tornado tão belo”.

Bibliografia:

ANDRADE, R. A face noturna do pensamento freudiano: Freud e o romantismo alemão. - Niterói: IOF, 2000.

BETTELHEIM, B. Sobrevivência. Porto Alegre, Artes Médicas. 1989.

BIRMAN, J. “Fantasiando sobre a Sublime Ação”, in BARTUCCI, G (org.) - Psicanálise, Arte e Estéticas de Subjetivação. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2002.

BROWN, N.O. Vida contra a morte. – o sentido psicanalítico da História.

Petrópolis . Vozes. 1974.

CHNAIDERMAN, M. "Rasgando a fantasia para outras tantas mil e uma noites". in

ALONSO, S. L. & LEAL, Ana Maria S. - Freud: um ciclo de palestras. São Paulo: Editora Escuta: FAPESP, 1997.

FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Completas – (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1900). A interpretação de sonhos. In: ESB. V. IV

_____. (1910). Uma Lembrança de Infância Leonardo da Vinci. In: ESB. V. XVI.

_____. (1914). O Moisés de Michelângelo. In: ESB. V. XIII.

_____. (1915). O inconsciente. In: ESB. V. XIV

_____. (1919). O Estranho. In: ESB. V. XVII.

_____. (1930-[1929]). O Mal-estar na Civilização. In: ESB. V. XXI

GAY, P. Freud. Uma vida para nosso tempo. São Paulo. Cia das Letras. 1988.

FRANÇA, M. I. Psicanálise, Estética e Ética do Desejo - São Paulo: Perspectiva, 1997.

HERRMANN, F. O divã a passeio – À procura da psicanálise onde parece não estar. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1992.

HOLLANDA, S.B. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro. Edit. Brasiliense. 1957.

LAPLANCHE, j. A ANGÚSTIA. São Paulo. Martins Fontes. 1987.

LASCH, C.. O mínimo eu- sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 2ª. Edição. São Paulo. Edit. Brasiliense. 1984

MAGALHÃES, A. W. Freud dialogando com as artes: a estética no pensamento freudiano

MEZAN, R. Tempo de Muda. Ensaios de psicanálise. São Paulo. Cia. Das Letras. 1998.

_____. NUNES, B. Introdução à Filosofia da arte. São Paulo: Ática, 1993.

QUINODOZ, D. A vertigem: entre a angústia e o prazer. Porto Alegre. Artes médicas. 1995.

ZIMMERMANN, D. Vocabulário contemporâneo de psicanálise. Porto Alegre. Artes médicas. 2001

_____. Fundamentos psicanalíticos. Porto Alegre. Artes médicas. 1999.

